



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



“A VOZ DO ESCÂNDALO: O PAPEL SOCIOLITERÁRIO DOS PASQUINS”

JOSÉ LUIZ AMORIM

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do título de

BACHAREL EM LETRAS

e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Habilitação
Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa
da UFSC.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ana Luiza Britto Cezar de Andrade
Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Jorge Hoffmann Wolff
Membro Titular

Prof. Dr. Anderson da Costa
Membro Titular

Campus Universitário - Trindade - Florianópolis
Fone: 3721-9293 FAX: 3721-9817

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
BACHARELADO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

JOSÉ LUIZ AMORIM

A VOZ DO ESCÂNDALO: O PAPEL SOCIOLITERÁRIO DOS PASQUINS

FLORIANÓPOLIS

2014

A VOZ DO ESCÂNDALO: O PAPEL SOCIOLITERÁRIO DOS PASQUINS

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado à banca como um dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Letras.

FLORIANÓPOLIS

2014

Meu povo escute um pouco
Que a vocês eu vou contá
Das pomberagem quebrada
Que têm aqui nesse lugá.

AGRADECIMENTO

Agradeço a deus, aos meus pais Luiz José de Amorim e Santa Helena Amorim por me auxiliarem todos esses anos; aos meus avôs **Amaro** e **Amorim** que me fazem ser consanguíneo de amor e amar; aos meus amigos de curso: Charles Miranda, Daniel Wallace, Diego Moreira, Juliana Impaléa, Julio César e Solismar Antunes; aos meus professores – todos desde a primeira fase até a última, pois carregamos um pouco de cada um deles; ao Grupo de poetas Livres; à minha orientadora Ana Luiza de Andrade por todo seu comprometimento; aos saudosos amigos Adelício Campos, Alzemiro Lídio Vieira e Uby de Oliveira e, por fim, ao poeta Mário Quintana por me despertar o gosto pela literatura.

RESUMO

O presente trabalho trata dos pasquins. Pode-se dizer que há duas vertentes de pasquins: de um lado, os do séc. XIX, pesquisados por Nelson Werneck Sodré em *A história da Imprensa no Brasil*. De outro, os pasquins com teor satírico afixados em locais públicos, estes, diferentemente daqueles, são anônimos tanto na assinatura quanto na distribuição. Os pasquins encontrados em Florianópolis e no romance *A má hora: o veneno da madrugada*, de Gabriel Garcia Márquez, fazem parte dessa vertente. Alguns aspectos dos pasquins são analisados aqui, tais como, a sátira, a função autor, o anonimato e, por fim, seu papel socioliterário.

Palavras-chave: Pasquim, sátira, anonimato.

ABSTRACT

This work deals with the pasquins. It can be said that there are two different strands of pasquins: on the one hand, those of the 19th century, researched by Nelson Werneck Sodré in his *A história da imprensa no Brasil*. On the other hand, there are the pasquins with satiric content which used to be posted in public places; these ones, differently than the first ones, are anonymous both in signature and in distribution. The pasquins found in Florianópolis and in the novel *A má hora: o veneno da madrugada*, from Gabriel Garcia Márquez belong to this strand. In order to comprehend the aspects of the pasquins it is necessary to go through some topics, for example the etymology of the word pasquim, the satire, the author function, the anonymity and lastly its socio-literary role.

KEYWORDS: Pasquim; Satire; Anonymity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. ANÁLISE DO PASQUIM DA BALEIA.....	12
3. OS PASQUINS NO BRASIL.....	18
4. A SÁTIRA E O RISO	23
5. OS PASQUINS EM A MÁ HORA (O VENENO DA MADRUGADA)	26
6. OS PASQUINS CUMPREM UM PAPEL SOCIOLITERÁRIO?	30
7. A QUESTÃO DO ANONIMATO NOS PASQUINS.....	33
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
10. APÊNDICES.....	40

1. INTRODUÇÃO

Dentre as diversas manifestações culturais existentes em Santa Catarina, existe uma sobre a qual ainda não há estudos na região: o pasquim. A princípio, este se caracteriza como meio de produção de uma comunidade onde, por assim dizer, todos se conhecem. Trata-se de um meio de produção que circula entre “conhecidos” como uma “cantiga de maldizer” só que não é, exatamente, de “maldizer”. Ele é anônimo no sentido em que o seu autor não se delata. O ineditismo de serem surpreendidos nas portas das casas por papéis anônimos, embora tenha se extinguido em alguns bairros da Ilha – e de outras cidades como São José, Palhoça e Laguna –, ainda perdura no Rio Vermelho, onde, em 2013, e, portanto bem recentemente, foi distribuído um pasquim. A pasquinagem¹ pode ser motivada por acontecimentos ou fofocas, por isso, num pasquim várias pessoas podem ser citadas. O pasquineiro – ou pasquinzeiro, como é chamado quem faz pasquins na Ilha de Santa Catarina – satirizava ferrenhamente os moradores de seu bairro, protegendo-se no anonimato. Para não ser reconhecido, ele os colocava clandestinamente, de madrugada, nos quintais das casas ou os afixava nas paredes das vendas, isto é, em um lugar estratégico onde houvesse grande fluxo de pessoas na manhã seguinte. Consequentemente, no outro dia todos os moradores daquele bairro ficavam sabendo do pasquim uma vez que os versos passavam “ligeirinho” de boca em boca. Ao contrário de um jornal, o pasquim não apresentava uma periodicidade de publicação, bastava para tanto que algo novo acontecesse e aguçasse a imaginação do pasquineiro.

Um dado curioso é que nos bairros onde ocorria a prática do pasquim – Pântano do Sul, Armação do Pântano do Sul, Sertão do Maruim, Centro, Barra do Sambaqui, Maciambu e Rio Vermelho – ainda que se soubesse que em cada bairro havia um autor diferente, em nenhum deles descobrira-se quem era de fato o autor dos pasquins, apenas desconfiava-se. O pasquim também existia no Centro de Florianópolis, porém ali se extinguiu rapidamente em razão da chegada do jornal, que acabou de certa maneira substituindo-o ao assumir a função de trazer as notícias de fora, o que fez com que a existência do pasquim fosse mais perene nos bairros

¹ Elaboração de pasquim, sátira por meio de pasquim.

afastados do Centro, onde o jornal demorou a chegar. Contudo, pode-se dizer que nesses bairros mais afastados do Centro a pasquinagem ainda continuou por algum tempo mesmo com a chegada do jornal, porque o jornal tem o caráter de noticiar tanto o local como o universal, diferentemente do pasquim, que trata só do local, das minúcias, dos pormenores, das picuinhas, do que acontece em um bairro específico onde a maioria dos moradores se conhecem. Aliás, antigamente, principalmente antes da chegada da televisão não existia “televizinhos²”, ou seja, os moradores se reuniam em frente às casas para “jogar conversa fora” sobre fatos como: pescaria, farra do boi, futebol, roubo, algum conhecido que foi traído, etc. Como temos conhecimento, em bairros pequenos grande parte dos moradores sabe a respeito da vida de terceiros, e todos nós nos interessamos pela vida dos outros, somos curiosos seja por biografias (basta ver a celeuma em torno delas no Brasil), seja pelas personagens de um romance. Enfim, a vida alheia interessa e instiga o ser humano.

O pasquim clandestino é um gênero literário³ atravessado por outros gêneros, tais como poesia, sátira, pornografia; outros aspectos como baixo calção, por costumes, culturas diversas e, por fim, também por tipologias textuais: argumentação, narração, descrição, entre outros. Não foi apenas no Brasil que existiu pasquim, ele é de origem europeia, mas foi disseminado em alguns países da América Latina, como veremos no capítulo em que trataremos da análise do romance *A má hora (o veneno da madrugada)*, de Gabriel Garcia Márquez⁴. Ao contrário desses pasquins, houve no Brasil um jornal chamado *O pasquim*, aliás, quando se fala em pasquim, a primeira imagem que vem à memória é o jornal *O pasquim*, devido à sua importância.

É interessante expor por completo a etimologia do vocábulo pasquim. Sobre o assunto há o verbete no *Dicionário Antônio Houaiss*:

Pasquin- *el.comp.* antepositivo, do port. *pasquim* (sXVI) ‘sátira afixada em lugar público; jornal ou panfleto crítico mordaz’, do fr. *pasquin* (fim do sXVI), por sua vez it. *pasquino* (1534), personagem sobre a qual Cortelazzo e Zolli,

² Moradores que não tinham televisão e iam à casa do vizinho assistir à televisão.

³ Justamente pelo fato do pasquim ser clandestino, ele se tornou um gênero literário desconhecido para muitos.

⁴ MÁRQUEZ, G. G. **A MÁ HORA (o veneno da madrugada)**. Trad. Joel Silveira. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1974.

s.v. *pasquinata* (antes de 1535), dão as informações aqui transcritas, *apud Enc. Italiana XXVI*, 451: “Pasquino é a frontada de um grupo de mármore da primeira idade helenística(sIII a.C.), que representava ou Menelau com o corpo de Pátroclo ou Ajax com corpo de Aquiles. Desenterrado onde hoje é a praça de Pasquino, foi em 1501 erigido sobre um pedestal do cardeal Oliveiro Carafa no ângulo voltado para o oriente do palácio Orsini (ora o braschi), onde o cardeal habitava. Por que ao belo torso, que Bernini e outros artistas julgaram uma das melhores estátuas que havia em Roma, tenha sido dado aquele nome, continua em dúvida. Simbólica é por certo a tradição , de orig. talvez tardia , que faz com que o alfaiate Pasquino, que tinha loja ali perto ; até a estátua, ver-se-á, cortava os panos das pessoas. Mais antiga por que atestada já em 1509, é a tradição que chama estátua de libertador seu magister ludi [letrado ou mestre de jogo], de mestre-escola, que habitava em frente. Outros falavam de um barbeiro, outros de um hospedeiro; falou-se até de um Pasquino saído de Siena , mas que vivia um século antes que o torso fosse repostado em suas honras. Qualquer que seja o motivo atribuído ao torso, o fato é que Pasquino acabou por personalizar a sátira anônima romana, doura e popularesca, por que em seu nome foram compostos libelos (as *pasquinate*) em lat. E no vulg., em verso e prosa, contra os papas e seu governo, contra os cardeais e a cúria, contra pessoas e costumes, julgados a torto e a direito; os cartazes que lhe levavam escritos eram afixados ao torso, ao pedestal, aos muros em torno”; a cognação port. Inclui, além de *pasquim*, os segg, voc.: *pasquinada, pasquinagem, pasquinar, pasquinário, pasquinear, pasquineiro, pasquinata*.(HOUAISS,2008, p.2142).

Os pasquins a seguir foram, por mim, registrados e copiados, porém isso foi somente possível através de muito diálogo com meus informantes, em que constantemente eu os indagava e os provocava com o intuito de recuperar suas memórias e conseguir arrancar sempre algo a mais, seja mais uma estrofe do pasquim, seja informações que estão inseridas como notas explicativas. No entanto, consegui catalogar apenas dez pasquins (um analisado por completo no corpo do trabalho e nove que estão nos apêndices) e apesar de todo esforço, tanto por parte do entrevistador quanto do entrevistado, alguns pasquins ficaram incompletos. Outro momento dificultoso e até certo ponto engraçado foi o fato de essas senhoras travarem ou ter alguma resistência referente aos palavrões, visto que, como algumas apontaram, seus pais não falavam os pasquins perto delas, sendo assim, ficavam sabendo dos versos licenciosos dos pasquins só na rua, em contato com amigos. Todavia, com um pouco de insistência foi possível deixá-las mais à vontade a ponto de também declamarem os palavrões.

2. ANALÍSE DO PASQUIM DA BALEIA

Pasquim da Baleia⁵

1-A baleia foi aproada
2-Lá na ponta do pasto
3-A Quintina dizia ser fêmea
4-O Zazaco dizia ser macho.

5-A baleia estava fora
6-Fazendo arrepio
7-O alemão⁶ já pensava
8-Que ela estava no sarrilho⁷.

9-Tinha quatro barracas
10-Na praia da Armação
11-Coisa que nunca se viu
12-Quatro biscoitos, um tostão.

13-A Teteia e a Dolor
14-Caiadas de pó de arroz
15-Dizia uma pra outra:
16- A baleia não vem hoje!
17-Na barraca do Antônio Bento
18-Só se comia feijão com arroz.

19-A Zuca e a Natália
20-Não foram na escampanha⁸
21-Ficaram na praia pra ver a baleia
22-Ser puxada por uma talha⁹.

23-A Maria Anália
24-Cabra velha do Costão
25-Foi pular uma pedra¹⁰
26-João Fernando deu a mão.

27-A Maria Madalena
28-Canela de veado
29-Passou na venda do Dico

⁵ Este pasquim foi escrito no bairro da Armação do Pântano do Sul, local onde havia pesca de baleias e foi catalogado pelo poeta Jaime Antônio Duarte (morador da Armação do Pântano do Sul) em seu opúsculo “Contos & Versos que a vida conta”, 2012, gráfica San Marino. Optei por numerar os versos para ordenar melhor a análise. Embora esse pasquim tenha sido retirado de um livro datado de 2012, ele deve ter uns 76 anos, segundo moradores do bairro.

⁶ O comprador da baleia, que morava na ilha da Armação do Pântano do sul.

⁷ “Cilindro horizontal móvel, adicionado por manivela ou motor, em volta do qual se enrolam cordas ou cabo de aço para levantar grandes pesos” (HOUAISS, 2008, p.2522).

⁸ Ilha da Praia da Armação do Pântano do Sul ligada à praia pelo molhe.

⁹ “Aparelho de laborar, que constituído de caixas, roldanas dentadas ou engrenagens interligadas por corrente, é empregada para içar ou arriar grandes pesos” (HOUAISS, 2008, p.2661).

¹⁰ Atravessar o caminho difícil que liga a praia à ilha pelo molhe todo irregular.

30-Comprou um par de tamanco fiado.

31-A baleia tinha craca

32-Igual surucucu

33-Luiz Santana respondeu:

34- Margarida tapa o ...!

35-As moças da cidade

36-Vieram ver a baleia

37-Chegaram nos combros¹¹ brancos

38-Encheram a pomba de areia.

39-Na volta do Antero¹²

40-Naquela volta quebrada

41-Dois caminhões sem luz

42-Deram uma esbarrada.

43-Foram no Morro das Pedras

44-Chamar o Matabó

45-Pra ver a Belmira

46-Cega de um olho só.

47-João Fernando para gritar

48-É negro que não tem preguiça

49-Tinha muito homem na praia

50-De mulher só a Domissa

51-O Hermindo de capote

52-E o cabo da polícia.

53-A Deolinda tinha

54-O mocotó inchado

55-Quando era nova

56-Gostava do Joaquim Machado.

57-Joaquim Machado¹³ é

58-O doutor da intendência

59-Olhou por trás do boi

60-Disse que o boi não tem doença.

61-Na casa do Zeca da chácara

62-Tem três moças solteiras

63-As cascas do moçambique

64-Dá de fazer uma caieira.

65-A Maria e a Dodô

66-São duas moça assanhada

67-A Teteia do Derfino

68-Anda sempre arreganhada¹⁴.

¹¹ Montes de areia, dunas.

¹² Atual trevo do Rio Tavares.

¹³ Segundo Maria Antonia Gama, enquanto o veterinário examinava o boi, Joaquim Machado disse que olhando por trás do boi parecia que ele não estava doente. Então, o acontecimento com certeza caiu no ouvido do pasquineiro.

¹⁴ Se oferecendo.

69-A Olga dança bem
70-A Dalcema compassado
71-Toma cuidado Felisbina!
72-Que o Antônio é casado.

73-O Derfino é o badejo
74-O Jaci é a garopeta
75-Pagaram o Manuel Mateu
76-Para buscar Maria Riqueta
77-Zé Macota na Janela
78-Só queria bater!

79-A lancha do Manoel Luís
80-Quebrou a tábua no meio
81-Pobre da Quinota
82-Que levou baba no seio.

83-A baleia era gorda
84-Mas não era de se espantar
85-O Josino e o Domingo Marinheiro
86-Quase morreram de trabalhar.

87-A Norcina do Matavó
88-Na passagem, como grita!
89-Quem veio buscar ela
90-Foi a Bia da Maria Juvita.

91-O José do Amaro Costa
92-Não cortava o cabelo
93-O azeite da baleia
94-Servia de água de cheiro.

95-Francisco Bocanha
96-Na cozinha do Chico
97-Mijou na panela
98-Pensando que era um penico.

O primeiro apontamento sobre esse pasquim é que ele remete à extinta cultura de pesca da baleia praticada na Praia da Armação do Pântano do Sul, a qual tem esse nome por ser o lugar onde os pescadores se armavam, ou seja, onde faziam armadilhas para capturar baleias¹⁵. No caso específico dessa região era a baleia franca por ser uma das únicas espécies de baleia que mesmo depois de abatida continua boiando – atividade que teve início em 1772 e findou em 1973 com a captura da última baleia franca no estado de Santa Catarina. No entanto, data somente de 1987 o surgimento da Lei nº 6.743, que proíbe a pesca da baleia. A baleação teve importante

¹⁵ Informações disponíveis em www.baleiafranca.org.br. Acesso em 12/01/2014.

papel econômico não só para o bairro, mas também para a cidade, pois da baleia, além da carne, que das partes da baleia era menos visada, se extraíam as barbatanas as quais eram exportadas para confecção de cachimbos e outros produtos hoje feitos à base de plástico. Já a gordura, quando aquecida em alta temperatura, se transformava em óleo para a fabricação de argamassa utilizada nas construções – a exemplo a Catedral Metropolitana que é feita deste material – e para a iluminação nas lamparinas que, aliás, mesmo com a chegada da energia elétrica na região na segunda metade do século XIX, ainda continuaram sendo usadas com o óleo de baleia para economizar energia elétrica. No decorrer do século XX o óleo passou a ser usado nos curtumes para tratar o couro. Atualmente, a baleia franca contribui mais para economia em Santa Catarina através da prática turística de sua observação do que o fazia antigamente a sua caça¹⁶.

O bairro Armação do Pântano do Sul, importante na história da baleação, é uma vila de origem luso-açoriana; entretanto, vale frisar, que a pesca à baleia é de origem basca. Segundo o documentário *Armações*, em 2002 foram achadas em um antigo casarão películas com filmagens de Florianópolis, dentre as quais há uma que relata a pesca de uma baleia em 1938 na praia da Armação do Pântano do Sul. Conforme se exhibe nas filmagens a praia, ou melhor, a ilha – escampanha, ali onde ficam o trapiche e a casa onde se matavam as baleias – estava cheia, pois vieram pessoas de outros bairros para ver a baleia, sendo assim, a baleia foi a atração daquele local. Portanto, se levarmos em conta a data dessa filmagem, 1938, testemunhada por uma de minhas informantes Antonia Maria Gama, moradora do bairro, que nasceu em 1929, é provável que esse *Pasquim da baleia*, o qual analisamos agora, seja o mesmo de 1938, como relata a testemunha. Além disso, como nos mostra o documentário, no dia da captura dessa baleia a praia Armação do Pântano do Sul ficou repleta de curiosos de outros bairros; do mesmo modo, é o que relata o próprio *Pasquim da baleia* “As moças da cidade/ Vieram ver a baleia/ Chegaram nos combros brancos/ Encheram a pomba de areia”.

Quanto ao formato desse pasquim temos uma estrutura de poesia popular, a qual lembra um pouco a poesia de cordel, pois apresenta versos com metros livres, no

¹⁶ Ver também o blog <http://institutobaleiafranca.blogspot.com.br/>.

que diz respeito à estrofação. Embora tenha três estrofes com seis versos, a maior parte do pasquim é de quadras com rimas alternadas em ABAB – sendo que BB são versos brancos, sem rimas. Quanto às rimas, apresentam-se ora simples e no infinitivo como à dos versos 84/86, “espantar” e “trabalhar”; rimas em “ão” como nos versos 24/26, “costão” e “mão”; rimas toantes como nos versos 2/4, “pasto” e “macho”; rimas com monotongação característica da oralidade como nos versos 50/52, “Domissa” e “polícia” – que é falado /puliça/; rima com palavrão omitido como nos versos “A baleia tinha craca/ igual surucucu/ Luís Santana respondeu:/ Margarida tapa o ...!” ou seja, ainda que não se explicita, o leitor sabe que aquele espaço do verso é preenchido com o impropério cu, rimas de plural com singular nos versos 62/64, “solteiras” e “caieira”.

Um dos traços do pasquim é a sátira e no *Pasquim da baleia* temos algumas passagens com descrições pejorativas e maliciosas como: “A Maria Anália/ Cabra velha do costão/ Foi pular de uma pedra/ João Fernando deu a mão”, no qual temos a metáfora “cabra velha do Costão”. Como sabemos, a cabra é um animal experiente em andar em terrenos rochosos. Portanto, ser uma cabra velha implica maior experiência ainda; “A Maria Madalena/ Canela de veado/ Passou na venda do Dico/Comprou um par de tamanco fiado”, neste trecho a adjetivação “canela de veado” tem o sentido de rápido, veloz; “A Deolinda tinha/ O mocotó inchado/ Quando era nova/ Gostava do Joaquim Machado”, passagem onde “mocotó inchado” figura como a descrição do tornozelo substituído pela pata do animal bovino (o mocotó), todavia há a denúncia de que quando nova a Deolinda gostava do Joaquim Machado; e, por último, “A Maria e a Dodô/ São duas moça assanhada/ A Teteia do Derfino/ Anda sempre arreganhada”, versos nos quais o pasquineiro debocha da forma como essas três moças se portam. Ela é arreganhada no sentido de ser oferecida. Embora esses versos não pareçam tão pesados atualmente por convivermos em uma sociedade em que, supostamente, há maior igualdade de gênero é necessário destacar que na época em que esses versos foram escritos o impacto era muito maior, uma vez que a sociedade era superlativamente machista e moralista de forma que essas mulheres ficavam mal faladas no bairro.

Visando aprofundar o assunto e também situar o leitor no que diz respeito aos pasquins, adentraremos, a seguir, na a história dos pasquins no Brasil.

3. OS PASQUINS NO BRASIL

Apesar de pasquim ser um nome pejorativo usado no meio jornalístico devido a algumas características próprias de um gênero de jornal mais antigo, surge no período da ditadura militar no Brasil um importante jornal chamado *O pasquim*, jornal de grande força política que utilizou-se do apelativo do pasquim de maneira irônica. Modo de desmerecimento, quando por trás se julgava: “isso não é um jornal, é apenas um pasquim”. Em verdade se tratava de um jornal de peso e politicamente engajado, pois o fato de se considerar “menor” em relação aos jornais mais conhecidos tinha isso como uma estratégia política cuja finalidade era fazer com que o periódico passasse “despercebido” e assim pudesse cumprir o seu papel de contestação e denúncia em tempos de ditadura política. Em *A história da imprensa no Brasil* Nelson Werneck Sodré apresenta um capítulo a respeito dos pasquins que existiram em nosso país, isto é, jornais do século XIX com traços daquele período:

Outro aspecto sob o qual, a rigor, também se deixaria o pasquim, na história do periodismo nacional, foi o seu traço específico de produto de uma só pessoa. Um homem, escritor, foliculário, político, servindo a interesses seus ou de outrem, adotando orientação própria ou obedecendo àquela imposta por seus mandantes, escrevia o jornal inteiro. Jornal de um só assunto, sempre, e de artigo único, quase sempre. Menos do que jornal, mera folha volante, panfleto lançado ao público, apreciando um tema, uma pessoa, um acontecimento, o tema, a pessoa, o acontecimento do instante que passava muitas vezes o motivo inspirador do pasquim, a fonte lhe provinha da força, para apoiar ou contraditar. (SODRÉ, 1999, p. 159)

Os pasquins surgem no Brasil devido à premência e à necessidade de refletir e criticar o momento específico daquela determinada época:

As causas do aparecimento do pasquim, pois, não estiveram condicionadas a fatores meramente ligados à expansão da imprensa em si mesma, mas a outras, ligadas ao meio, ao tempo, à gente, à cultura. Surgindo desse meio, esmagado em condições estreitas, servindo a público pequeno e de nível bastante baixo, usando as armas que a época permitia e fornecia, julgadas excelentes para fins visados, o pasquim refletiu, em sua tormentosa fisionomia, o atraso, as agruras, as paixões de uma fase histórica. Como nítido produto desse meio e dessa gente, subordinado às próprias insuficiências e guardando as consequências de mais de três séculos de domínio colonial fundado na escravidão e na servidão, o pasquim não fez mais do que retratar aquela fase. Retratou-a fielmente, caricaturalmente também, porque deformou alguns de seus traços para acentuá-los, sem distanciar-se da realidade. A realidade é que o gerou. (SODRÉ, 1999, p. 167)

E quanto à sua formatação e valor comercial, Sodré nos aponta as seguintes informações:

A técnica da imprensa, ainda nos primeiros passos no país, ao tempo, acrescentou características formais ao pasquim: formato in 4°, quatro páginas em regra, preço de venda avulsa de 40 réis, 80 no caso de dobrar o número de páginas. Não havia venda nas ruas; comprava-se nas tipografias e nas lojas de livros indicada, exemplares isolados ou por assinatura. O título se referia via de regra, a pessoas, acontecimentos, coisas de interesse notório no momento; quando não, sob disfarce, guardava alusão a isso. O pasquim, habitualmente, não trazia o nome do redator. Muitos desses nomes, por isso mesmo, ficaram em dúvida, com o passar dos tempos e, para identificação, é necessário recorrer a depoimentos da época, nem sempre seguros. Guardava-se, por outro lado, o rigoroso anonimato. (SODRÉ, 1999, p. 158)

É necessário utilizar-se dessas três citações de Sodré a respeito dos pasquins que circulavam no século XIX no Brasil a fim de constatar o que aproxima e o que distancia os pasquins daquela época com os pasquins objetos de pesquisa desse trabalho. Como pontos convergentes podem ser destacados a forma de panfleto ou mera folha volante; o tema pode ser uma pessoa ou um acontecimento; o retrato caricatural ou satírico daquela realidade; o cunho crítico; a violência da linguagem; o número reduzido de autores (nos referimos a um mesmo pasquim) e o rigoroso anonimato. Como pontos divergentes e cruciais há: a formatação e a diferença abissal entre ambos que é a comercialização, o lucro, o retorno, a distribuição visando renda. Posto que, enquanto os pasquins do século XIX eram anônimos apenas na assinatura, os pasquins que analisamos aqui são anônimos por duas vezes, isto é, tanto na assinatura quanto na distribuição, além de serem gratuitos, o que dava mais liberdade para o autor, uma vez que não visava lucro, é claro. Portanto, temos como recorte de pesquisa os pasquins clandestinos que são classificados como “sátira afixada em lugar público; jornal ou panfleto crítico mordaz”, isto é, o primeiro tópico do verbete pasquim, segundo o Dicionário Houaiss.

O pasquim, por ser um gênero anônimo e clandestino, seria nos dias de hoje considerado politicamente incorreto, quando em verdade é um gênero completamente democrático, pois de um pasquim não escapa ninguém, o que fica explícito a partir da leitura dos trechos a seguir, retirados tanto do *Pasquim da Baleia* quanto de outros pasquins que constarão nos apêndices do trabalho: sobre uma cega, “Foram no Morro das Pedras/ Chamar o Matavó/ Pra ver a Belmira/ Cega de um olho

só”; sobre negros, “João Fernando pra gritar/ É negro que não tem preguiça” ou “ Os marimbondos disseram:/ Aqui não tem garrafão./ Negro de duas cabeças/ Toma lá nosso ferrão”(PASQUIM N. 7 em apêndice); sobre homossexualismo, “O amor do Jucinho e o Daro/ Começou no sofá/ E acabou numa folha de taiá”(PASQUIM N. 5 em apêndice); sobre um deficiente físico, “Liberato por ser torto. Coitadinho!/ Ele saiu na carreira para ver o sobrinho/ Ele caiu no portão/ E bateu com a boca em cima do cagalhão¹⁷”(PASQUIM N. 3 em apêndice); e , por último, sobre um anão, “O anãozinho do Maro se perdeu na multidão, / Só acharam ele debaixo de um vaso virado com a boca no chão”(PASQUIM N. 8 em apêndice). Neste vale perceber a malícia do pasquineiro que se referiu ao anão usando o diminutivo “anãozinho” que hiperboliza a baixa estatura do anão.

O pasquim tangencia as origens remotas da cantiga de maldizer de origem medieval; a literatura que fala mal da vida alheia; a literatura oral¹⁸, a literatura popular e a literatura de cordel. Segundo Diégues Jr. (1997 *apud* ALMEIDA, 2012)¹⁹ a literatura de cordel tem a função de comunicar. Para ele, “a literatura de cordel se constituiu, portanto, um meio de comunicação, um instrumento de interligação entre as sociedades que se formavam”.

Para melhor ilustrar a proximidade entre um cordel e um pasquim, separamos um trecho de ambos; primeiro o do cordel:

***O Mundo Não Presta Mais*²⁰**

A mulher hoje não quer
Ter mais filhos que é castigo,
Mesmo sofrendo perigo
Procuram um jeito qualquer
Dê o caso no que der
Em ser mãe não a satisfaz
Pois prefere os “Vesperais”,
Boate, praia e Cinema.
E assim neste sistema
O mundo não presta mais!

¹⁷ Segundo nossa informante o portão da casa é o mesmo por onde passava o gado, que ao fazê-lo deixava um rastro de excrementos pelo caminho.

¹⁸ Um livro de capital importância para o entendimento é *Literatura oral no Brasil*, de Câmara Cascudo.

¹⁹ ALMEIDA, V. Afinal, o que é literatura de cordel?. *Literatura*, São Paulo, ed. n. 45, p. 6-9, 2012.

²⁰ Cavalcante, R. C. **O Mundo Não Presta Mais**. 1ª ed., 1980. Vendido de maneira avulsa.

Apresentamos a seguir um excerto de um pasquim antigo e que, segundo nossa informante Maria de Aparecida Pereira, saiu no Centro de Florianópolis, pois tem como mote a mulher da cidade.

No tempo dos meus avós
Para fazer um vestido
Gastava quase oito metros
Para por de comprido.

Hoje em dia faz uma moça um vestido,
Faz até com dois e meio,
Porque a moda é moderna
Até acima da perna
E decotada no seio.

O que se pode observar nesses dois trechos específicos é que ambos são moralistas e conservadores. No primeiro há um desencanto do mundo atual, enquanto que no segundo há uma sugestão de desmoralização na pouca fazenda gasta para fazer um vestido. O que difere um do outro é a estrutura. Ao contrário do cordel, o pasquim não possuiu uma escola.

As cantigas de maldizer, por serem sátiras em forma de poemas, também se aproximam dos pasquins, como podemos ver a seguir na cantiga de Afonso Eanes de Coton:

Maria Mateu, daqui vou desertar²¹.
De cona não achar o mal me vem.
Aquele que a tem não ma quer dar
e alguém que ma daria não a tem.
Maria Mateu, Maria Mateu,
tão desejosa sois de cona como eu!

Quantas conas foi Deus desperdiçar
quando aqui abundou quem as não quer!
E a outros, fê-las muito desejar:
a mim e a ti, ainda que mulher.
Maria Mateu, Maria Mateu
tão desejosa sois de cona²² como eu!

Em um dos pasquins catalogados neste trabalho também encontramos sátira sobre o homossexualismo, assim como na cantiga de maldizer:

²¹ Disponível em <http://cseabra.utopia.com.br/poesia/poesias/0643.html>. Acesso em: 13/05/2014.
Poemas que não têm título, considera-se o primeiro verso como título.

²² Cona: Vagina.

O amor do Jucinho e do Daro
Começou num sofá
E acabou numa folha de taiá.

Como se pode perceber, ambas as sátiras versam sobre o homossexualismo, a primeira, no gênero feminino; a segunda, no gênero masculino. O que difere uma da outra é que a cantiga de maldizer carrega uma formalidade erudita, enquanto que o pasquim tem um traço popular e com aspectos da oralidade.

4. A SÁTIRA E O RISO

A violência da linguagem, a invasão do universo íntimo e a descrição caricatural fazem parte da sátira e esta, por sua vez, é conteúdo indispensável nos pasquins, pois ela é responsável pela acidez dos folhetos anônimos. Ainda que na sátira esteja presente o riso, ela apresenta um tom sério:

O riso, por exemplo, é incidental numa sátira, uma vez que a ridicularização de vícios constitui antes uma convenção para várias tópicas e vários tipos que uma correspondência verista de discurso ridículo a pessoa ou situação referidas nele. Lembrem-se, por exemplo, as tópicas do ridículo judaizante de personagens que se referem a pessoas simultaneamente efetuados como não-judeus, ou da “puta” e do “corno”, as mulheres e homens de várias honestidades e honras. Técnica de uma “*indignation recollected in tranquility*”, as convenções do ridículo não são realistas, nem meramente cômicas, no sentido aristotélico daquilo que faz rir sem dor, pois estão a serviço de um ponto de vista prudente, movido do interesse ético e político: na sátira, o cômico é um meio para o sério. (HANSEN, 1989, p. 227)

Por conseguinte, o riso é uma forma de atingir o sério, a lei, a religião e a ética. Sendo assim, cabe-nos distinguir o humor e a sátira:

Segundo Tesouro, que interpreta Aristóteles, é a *maledicência* que distingue a sátira da comédia, observando-se uma possibilidade de intercâmbio delas determinada não pela matéria deformada objeto do canto, mas pelo *modo*. Em outros termos, um tema ridículo pela matéria – “torpezas do Brasil, vícios e enganos” – torna-se satírico conforme o riso seja articulado *com dor*. (HANSEN, 1989, p. 281)

Ou seja, o que distancia o humor e a sátira é que naquele há apenas o riso gratuito enquanto nesta o riso é acompanhado da dor, da mágoa, do sofrimento, da vergonha, da humilhação, da culpa, entre outros. Para ilustrar melhor o que afirmamos, trouxemos o seguinte exemplo: conta-se que o Celinho se separou da Maria e se juntou com uma gaúcha, a qual trouxe a irmã para morar junto com eles; porém quando o Celinho foi buscar seus pertences da separação na casa da sua ex-mulher, Maria, ambos brigaram e ele deu-lhe uma mordida. Ainda que esse acontecimento soe como uma inverdade, o fato realmente ocorreu e saiu da seguinte forma num pasquim: “Celinho boca de pitbull/ Largou da Maria/E se juntou/Com duas vacas do sul²³”. Há um pasquim do bairro Enseada de Brito a respeito de uma moça que gostava

²³ Não basta dizer “mordida”, de acordo com o pasquim o que caracteriza exagero é a “boca de pitbull”.

muito de usar gorros, que traz o seguinte trecho: “O canto da Enseada/ Já tá cheio de balaio/ O gorro da Dorvalina/ É do coro do Caralho”.

O tema de um pasquim pode ser provocado por várias formas de acontecimentos como: um homem “cornudo”, uma briga, um acidente e até a pesca de uma baleia, como é o caso do pasquim exposto anteriormente. Certamente, é interessante observar como o acontecimento responsável por gerar o mote de um pasquim é afetado pela escrita, pelo estilo, pelo traço desse gênero temperado com uma boa pitada de sátira. É o que podemos observar no *Pasquinho da Floricultura* – que se encontra nos apêndices – pois este teve como mote três estelionatários donos de duas floriculturas que deixaram uma dívida enorme e, com isso, as pessoas prejudicadas (locador, funcionários, empresários e outros) começaram a saquear o estabelecimento para terem o menor prejuízo possível. O caso foi noticiado na *RBS TV* e no site *G1 Santa Catarina* com o seguinte título: *Dono de Floriculturas em SC é suspeito de golpes em outros estados*²⁴. A diferença entre eles é brutal já na distribuição, pois enquanto um é comercializado o outro tem distribuição anônima. Quanto à escrita, o redator do jornal apresenta certa formalidade e distanciamento, ao passo que o pasquineiro encontra-se na posição de *flâneur*, alguém que foi testemunha do acontecimento e nos fornece a descrição dos eventos em forma de diálogo rimado, inclusive nomeando as pessoas que saqueavam a floricultura “Grim Paisagismo”. Portanto, trata-se de pessoas que o pasquineiro realmente conhecia. Enquanto o redator do jornal escreve: “Após o sumiço do proprietário, as duas lojas foram saqueadas. Foram levadas flores, arranjos e até os móveis”; o pasquineiro escreve: “O Cacau do Aurino é feio, mas é bom moço, com a moto carregada dizia: aproveita que tá grosso²⁵”. Em síntese, o acontecimento é afetado pela escrita de maneira diferente, para atender ao estilo do gênero a que correspondem.

Na Ilha de Santa Catarina, no que diz respeito à sátira, existiu – não tão forte quanto o pasquim – podendo ser considerada uma perversão do *Pão-por-Deus*²⁶

²⁴ Link da notícia completa disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/05/dono-de-floriculturas-de-sc-e-suspeito-de-golpe-em-outros-estados.html>

²⁵ Aqui a palavra “grosso” tem o sentido de “abundante”.

²⁶ Quadrinha amorosa escrita em um coração que pode ser confeccionado de várias maneiras, porém o mais comum é a declaração de amor do pretendente. As mulheres se reuniam para mostrar umas às outras os Pão-por-Deus que ganhavam.

chamada de *respingo*, que no caso vinha no mesmo formato do *Pão-por-Deus*. Consiste na surpresa da mulher que fosse abrir o coração para ler a quadrinha amorosa. Acabava levando um susto, pois no lugar da declaração de amor havia uma ofensa e com isso ela não poderia se exibir às suas amigas dizendo os versinhos que recebeu. Por exemplo: “Lá vai meu coração/ Nas asas de um urubu/ Vai pedir o *Pão-por-Deus*/ Às negras do Macacu”. Esse versinho, com um certo preconceito em relação às negras do bairro Macacu, ainda pode ser considerado leve, se comparado a outros de igual leva.

5. OS PASQUINS EM A MÁ HORA (O VENENO DA MADRUGADA).

No romance *A má hora (o veneno da madrugada)*²⁷ o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez (1927-2014), premiado com o *Nobel de literatura* pelo conjunto de sua obra em 1982, nos apresenta um vilarejo infestado de pasquins, coincidindo com um período próximo das eleições. Vale lembrar que o título do livro foi muito bem escolhido por parte do autor, uma vez que sintetiza o mecanismo dos pasquins, pois se refere não só ao horário em que os pasquins eram distribuídos, a “má hora”, isto é, a madrugada, mas também ao conteúdo dos pasquins, a sátira, portanto, ao seu poder de destilar veneno na clandestinidade. Ainda que no romance não apareçam os versos desses pasquins, ele nos mostra o papel socioliterário que os papeluchos exerciam na cidade fictícia (e sem nome) onde se passa a narrativa, pois sabemos dos temas tratados nos pasquins e o impacto que eles causavam nas pessoas. Só para dar um exemplo, Cesár Montero matou o Pastor depois que leu um pasquim afixado em sua casa, em consequência do que este dizia: que sua esposa, Rosário Montero, o traía com o Pastor. Daí, vários crimes ocorrem a partir dos fatos enquanto explicitados, denúncias e acusações nos pasquins.

Os poderes que imperavam no povoado formam a tríade: religião, lei e Judiciário. Representando a autoridade da religião e da moral temos o padre Ángel que sabia bastante da vida dos moradores, porque obviamente se confessavam com ele. Ditava conselho aos outros. Por exemplo, que o dentista precisava de um santo no consultório, que o juiz Arcádio se casasse logo com a ex-puta – sua atual parceira – para não ficar mal falado no povoado, além de cobrar a presença dela na missa; que as mulheres fossem à missa com roupas longas; que Trindade e o assassino Cesár Montero se confessassem. O padre era o censor dos filmes exibidos no povoado. Entretanto, no que diz respeito aos filmes, é curioso, porque se a história daquele vilarejo fosse transformada em um filme, certamente o padre o censuraria, uma vez que naquela localidade havia corrupção, prostituição, traições, assassinatos, roubo de gado, heresia, pecado, entre outros; logo, vários temas que a igreja condena. Embora

²⁷ Baseado nesse romance o cineasta Ruy Guerra fez uma adaptação que resultou no filme *O veneno da madrugada*, 2006.

houvesse motivos suficientes para o padre ficar triste em relação ao que ocorria à sua volta, ele, pelo contrário, se orgulhava de seu desempenho eclesiástico. Mas, segundo o padre, quando chegou ao vilarejo havia onze concubinatos e, graças a ele, restara apenas um. Todavia, quando o padre é interpelado por Dr. Giraldo sobre o que pensa a respeito dos pasquins, ele responde: “– Não penso neles – disse o padre. – Mas se o senhor me obriga a dar uma opinião, eu diria que são obra da inveja que têm de um povoado exemplar”. (MÁRQUEZ, 1974, p. 117)

Representando a lei e impondo o tacão temos o alcaide, um estereótipo de um coronelismo autoritário típico latino-americano como o que ocorre em alguns romances de Graciliano Ramos, como *Vidas Secas* e *São Bernardo*, de Dias Gomes, *O bem-amado*, do mexicano Juan Rulfo, Pedro Páramo, de Carlos Fuentes, *A morte de Artêmio Cruz*, entre muitos outros. O alcaide é sem sombra de dúvidas o mais corrupto do vilarejo e para abalizar essa afirmação sequenciamos algumas passagens como: a cobrança como suborno de Cesár Montero, homem que assassinou o Pastor. Ao ver os pobres do bairro baixo passando com mudanças para um terreno mais alto, gritou-lhes o alcaide: “de quem roubaram essas coisas” e depois lhes disse que poderiam ficar nesses terrenos onde a enchente não alcançava, uma vez que “são da prefeitura e não custam nada a vocês”(MÁRQUEZ, 1974, p. 63), quando em verdade eram terrenos do próprio alcaide, que depois cobraria da prefeitura a estadia dessas pessoas. Os três soldados do alcaide, González, Rovira e Pernalta, eram criminosos contratados por ele. O alcaide morrendo de dor de dente invadiu com seus capangas a casa do Dentista, e colocou tudo abaixo procurando supostas armas, mas o que ele queria - e conseguiu - era que o Dentista lhe arrancasse um dente podre. Ademais o dono do circo lhe pediu para deixar o toque de recolhida para as 23 horas, pois assim dividiria o valor das entradas com ele; aliás, neste trecho temos a seguinte fala do alcaide: “– suponho – disse – que não lhe custou muito trabalho encontrar no povoado quem lhe dissesse que sou um ladrão”(MÁRQUEZ, 1974, p. 155). Por fim, os soldados do alcaide mataram Pepe Amador, homem que estava preso por colar os pasquins, no entanto, quando o alcaide soube da morte do preso, ele não apenas ordenou aos seus soldados que o enterrassem no próprio quartel como não deixou o padre Ángel e o Doutor Giraldo adentrarem o local para confirmar se Pepe Amador estava vivo.

Como representante do judiciário temos o Juiz Arcádio, um homem corrupto e alcoólatra, pois bebia no serviço alternando cerveja com aspirina. Morava com uma mulher que fora prostituta, contudo não se casou com ela, como era a vontade do padre e, mesmo tendo essa parceira, continuava a frequentar os concubinatos, local onde contraiu um cancro venéreo. Foi comparsa do alcaide, pois ajudou a agilizar o processo para conseguir arrancar dinheiro da prefeitura, uma vez que o pessoal do bairro baixo, estimulados pelo alcaide, se instalou em seu terreno.

Sobre a relação da sátira com esses três poderes, podemos afirmar, com Hansen:

A persona da sátira é lugar de uma condensação de motivos esquemas. Funcional, nela coexistem vários paradigmas ou conjuntos de possibilidades de ação, segundo códigos do século XVIII ibérico. No caso, tais códigos são, basicamente, três – direito, ética, religião –, relacionados como matrizes interpretantes das posições da persona e de suas personagens. Retomando a citação de Lotman, religião, ética e direito constituem o código que determinam que é evento, segundo critérios comparativos de lei natural e lei positiva. (HANSEN, 1989, p.171)

Quem são os suspeitos da autoria dos pasquins? Ainda que o romance não explicita quem é o autor dos pasquins podemos levantar algumas hipóteses sobre os suspeitos. Em primeiro lugar o padre Ángel, pois uma vez que as pessoas se confessavam o padre sabia da vida de todos no bairro, além do que os padres têm o dom da palavra e escrevem muito bem, sem contar que vez ou outra ele estava no correio levando cartas. Outro ponto que favorecia a invisibilidade do padre no sentido de camuflagem de suspeitas era ser um representante da igreja.

Em segundo lugar temos o barbeiro, sendo que a barbearia era um antro de fofoca e, com isso, ele tinha conhecimento do que se passava em todo o vilarejo. Um dado importante e curioso no que diz respeito ao barbeiro é que no interior da barbearia havia uma placa com um recado “Proibido falar de política”, isto é, uma forma de apagar as suspeitas a seu respeito, pois ele gostava de falar de política e era formador de opinião.

Em terceiro lugar temos o alcaide. Embora o foco da narrativa não aponte para ele como suspeito, sabemos que de fato ele só vai se importar em procurar o autor dos pasquins quando pressionado por padre Ángel, só assim o alcaide prende um rapaz

chamado Pepe Amador suspeito de pregar pasquim na rinha de galo. Contudo, como se passa no final da narrativa, Pepe Amador é assassinado e enterrado no quartel pelos capangas do alcaide.

Atuando como metáfora de decadência para a política corrupta há a situação tensa em que se encontrava aquele bairro: o longo período das chuvas que alagaram o vilarejo; os ratos que não só bebiam na pia da água benta que era recolhida para dar de beber aos doentes como também deixaram a igreja toda oca e com a estrutura comprometida; a vaca que morreu afogada devido às chuvas e teve seu corpo fétido retalhado pelos urubus, logo, com um mau-cheiro que infestou o povoado inteiro, já que ela desceu o rio e ficou encalhada no mangue; o cancro venéreo, do Juiz Arcádio, curado à pólvora e fogo; o menino enfermo definhando e tratado à banana verde para trancar a diarreia; o dente podre que incomodou o alcaide durante dias; os insetos que com o calor e chuva estavam por todos os lados e, por último, os assassinatos do Pastor e de Pepe Amador.

Como é possível perceber nessas passagens do romance, os pasquins tiveram um papel crucial em cada uma dessas situações de corrupção, uma vez que criaram uma celeuma por todo o povoado, tendo como consequência, traição, assassinato e o desconforto dos que estavam no poder.

6. OS PASQUINS CUMPREM UM PAPEL SOCIOLITERÁRIO?

Antônio Cândido em *O direito à literatura* nos dirá o que considera como literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 1988, p. 174)

Porém o autor vai mais longe e também nos dá a sua definição sobre a função da literatura:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CÂNDIDO, 1988, p. 176)

Os pasquins possuem “uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado”? Certamente, eles têm uma estrutura de poema com estrofes e rimas. Como significado eles têm por foco primário informar e comunicar. Por foco secundário atuam como a sátira, a ironia, a ridicularização e a exposição. Os pasquins são “uma forma de expressão e manifestam a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos”? Sim, de fato eles são uma forma de expressão, porque expressam e manifestam tanto as emoções como as visões de mundo dos indivíduos a ponto de muitos versos desses pasquins que, como sabemos, nunca foram publicados em livros e nunca foram arquivados em bibliotecas, apenas existiram de maneira avulsa e mesmo assim se perenizaram na memória popular, como é o caso dos pasquins usados em nossa pesquisa. Os pasquins são “uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”? Obviamente os pasquins são uma forma de conhecimento, mesmo que de maneira inconsciente, seja por parte do leitor, seja por parte do autor. Ainda que não se dê conta disso um leitor de pasquim ao se deparar com a cultura pesqueira também se depara com, denúncia, sátira, com uma forma estética que é um poema rimado. Portanto, o pasquim também é um gênero literário. Do mesmo modo o autor pode não se dar conta que ao escrever um pasquim ele ajuda

a manter uma tradição, passando a ser um formador de opinião, já que ele é um crítico, e, por último, o pasquim dialoga com outros gêneros literários como: a sátira, a poesia de cordel, a literatura oral, etc.

Para quem os pasquineiros escrevem? Eles escrevem para um público alvo que são os moradores da mesma região em que vivem os autores, pois esses moradores ou presenciaram os acontecimentos destacados nos pasquins, ou tiveram uma prévia sobre o assunto através dos boatos correntes no bairro. O autor dos pasquins é um formador de opinião? Ainda que seja verdade que os acontecimentos narrados num pasquim não são nada que ainda não seja do conhecimento do povo – como aparece em algumas passagens do romance – só o fato do autor ter escolhido um assunto e não outro para o mote de seu pasquim já dá a entender a sua posição política, como no diálogo a seguir entre o Senhor Carmichael²⁸ e a Viúva Montiel em *A má hora (veneno da madrugada)*:

– Se alguém começa a dar ouvidos ao que dizem os pasquins, acaba maluco.
– Os pasquins – suspirou a viúva.
– Eu também já ganhei o meu – disse o Senhor Carmichael.
– Também o senhor?
– Eu – confirmou o Senhor Carmichael. – Pregaram em minha porta um bem grande e bem minucioso no sábado da semana passada. Parecia um anúncio de cinema.
A viúva trouxe uma cadeira para escrivaninha.
– É uma infâmia – exclamou. – Nada se pode dizer contra uma família exemplar como a sua.
O Senhor Carmichael não se mostrava alarmado.
– Como minha mulher é branca, tivemos um filho de todas as cores – explicou. – Imagine a senhora: são onze:
– Compreendo – disse a viúva.
– Pois o papelucho dizia que sou pai somente dos meninos negros. E dava a lista dos pais dos outros. Meteram na história até Dom Chepe Montiel, que descansa em paz.
– Meu marido!
(MÁRQUEZ, 1974, p. 105)

Portanto, os pasquins denunciam o adultério (como o exposto acima), a ganância, a ambição, a voracidade. Além disso, não importa se os moradores já sabiam sobre o acontecimento antes dele se transformar no mote do pasquim, pois, como

²⁸ Contador, portanto, responsável por administrar a fortuna da Viúva Montiel. Esta era esposa de Dom Chepe Montiel, político que aumentou sua fortuna de maneira incorreta. Consequentemente, esse pasquim foi uma forma de vingança.

sabemos, William Shakespeare se apropriou de lendas que tinham boa aceitação do público e as reescreveu com o seu traço, seu ponto de vista, sua ironia, etc.

7. A QUESTÃO DO ANONIMATO NOS PASQUINS

Na teoria literária há poucos textos sobre o anonimato, por outro lado, há textos consagrados sobre o autor, por exemplo, *A morte do autor* (1968) em que Roland Barthes diferencia o *escritor*, “o corpo que escreve”, do *autor*, pessoa que assina a obra e vive fora da linguagem, ao contrário do que seria o escritor. Portanto, para Barthes a linguagem não conhece um “eu”, mas sim um “sujeito”. Em *O autor e a personagem na atividade estética* (1920) Mikhail Bakhtin distingue *autor-criador* de *autor-pessoa*, pois enquanto o primeiro é parte (elemento) da obra, o segundo é parte (componente) da vida. Em *O que é um Autor?* Michel Foucault discerne o *nome do autor* do *nome próprio*. Além disso, para Foucault a *função-autor* é uma posição enunciativa, porque nela o autor é definido a partir de seus textos que podem remeter a um “eu” singular ou a vários “eus”, e a obra pessoana é um bom exemplo disso. Em *O autor como gesto* (2007) Giorgio Agamben vê o “gesto” como uma relação/lugar que se dá entre o autor e leitor, pois “ O lugar – ou melhor, o ter lugar – do poema não está, pois, nem no texto nem no autor (ou no leitor): está no gesto no qual o autor e leitor se põem em jogo no texto e , ao mesmo tempo, infinitamente fogem disso”²⁹. Colocar-se em jogo é importante no caso do autor anônimo pois leva a pensar o social do gesto. Ele é o que fica deste jogo, no caso do pasquim. Trata-se de um jogo enigmático que faz pensar em possíveis autores e suas razões para denúncia. Nisso está o social da questão, muitas vezes transitando entre os poderes judiciário, legislativo e executivo

Na Idade Média a Igreja era responsável por identificar os autores dos textos transgressores aos costumes para então indexá-los e, conseqüentemente, puni-los. Segundo Foucault (2002), na antiguidade não havia problema com a autoria, aliás, os textos sequer tinham assinatura. A autoria surgirá só mais tarde no período do Renascimento com movimentos políticos, exaltação do indivíduo, avanço da economia e o mecenato para bancar esses autores, que com o correr dos anos cada vez são mais

²⁹ AGAMBEN, G. *Profanações*. In: ____ *O autor como gesto*. Trad. Selvino José Assmann. SP: Boitempo, 2007, p.63.

exaltados e, se pensarmos nos dias de hoje, passam a ser entidades fomentadas pela indústria cultural. Para Alexandre Nodari:

É nesse contexto que devemos entender o nascimento daquilo que evoluirá para a ficha catalográfica. Esta tem como arquétipo uma regra do *index* da Igreja Católica (a de número 43 na última edição), que proíbe a publicação de livros que não exibam nome e sobrenome do autor na capa, e o ano da publicação. A regra, por sua vez, retoma a uma *Instructio* do Papa Clemente VII, datada da passagem do século XVI pro XVII, ou seja, da mesma época do nascimento do Estado Moderno, instrução que obrigou os livros a exibirem nome e sobrenome do autor, e país de publicação, o que não era comum na medievalidade, que conheceu uma profusão de textos anônimos sobre os quais até hoje se debate a autoria. Por que a Igreja Católica, sendo seguida por autoridades seculares em todo o mundo, obrigou a apresentação desses dados nos livros publicados? A razão é simples e óbvia: para poder identificar e responsabilizar esses autores, editores e cidades que escrevessem, publicassem e/ou fizessem circular livros hereges, pecadores, sediciosos, etc. (NODARI, 2011.)

No que diz respeito ao anonimato é oportuno ressaltar que ele não apaga a função autor, apaga apenas a autoria, a assinatura. No caso específico dos pasquins podemos ver o anonimato de duas maneiras distintas: na primeira, o autor faz uso do anonimato para não ser, em praça pública, linchado pelas pessoas as quais ele destratou em seus escritos, ou seja, para garantir a integridade física do autor, justamente por isso o pasquim é um gênero anônimo por excelência. Para usar uma expressão hiperbólica ele é o anonimato do anonimato, seja na assinatura, seja na distribuição. Segundo a legislação:

Diz o art. 11º da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789: “A livre comunicação das idéias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem; todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo, todavia, pelos abusos desta liberdade nos termos previstos na lei”. Por sua vez, diz o inciso IV do art. 5º da nossa atual constituição: “é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato”; e o inciso seguinte garante o direito de resposta. A responsabilização só é possível na medida em que se possa individualizar o responsável, o autor. (NODARI, 2011)

Portanto, ao relacionarmos o anonimato do pasquim à citação acima, os pasquineiros fazem o uso do anonimato para se isentarem, também, das suas responsabilidades legais. Um dado interessante e do qual os pasquineiros se isentam, justamente por causa do anonimato, é da culpa e da lamúria que muitos autores têm em relação às primeiras publicações. Ou seja, esse lugar comum entre os autores de recusa às suas obras que consideram de menos importância, de se envergonharem a ponto de proibir

reedições; diferentemente deles, os pasquineiros não se preocupam com isso, uma vez que não assinam a obra, conseqüentemente, ninguém os conhece, logo não há o porquê de tal arrependimento. Por outro lado, a segunda maneira de ver o anonimato seria a recusa aos louros, porque ao mesmo tempo em que seu pasquim provoca ira, risos e corre na boca de todo o bairro a ponto de se consagrar na memória da cultura popular, o pasquineiro acaba assistindo à sua fama de perto, porém fica de longe por ser desconhecido para os seus leitores.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o exposto conclui-se que no seu decorrer foi possível descobrir – através dos objetos pesquisados, os pasquins – informações a respeito do que envolve tanto o gênero como os assuntos culturais tratados nos pasquins, dos quais podemos destacar: o Pão-por-Deus e o respingo que são da cultura açoriana; a baleação que é de origem basca³⁰; os próprios pasquins que surgiram na Europa e foram disseminados na América Latina. Além disso, há duas vertentes dos pasquins, a comercial e a clandestina. Pode-se traçar suas origens às cantigas de maldizer da Idade Média; à poesia oral e à poesia de cordel. Quanto ao gênero, à sátira que, por sua vez, acarreta o riso. A questão da autoria e do anonimato acrescentam-se ao papel socioliterário dos pasquins.

Embora o pasquim seja um gênero antigo e “aparentemente” esteja se extinguindo, cabe frisar que em Florianópolis no bairro Rio Vermelho ainda ocorre a prática dos pasquins, pois em 2013 apareceram pasquins em alguns pontos do bairro. Inegavelmente os pasquins tiveram (e ainda têm) trabalho importante numa sociedade, ora trazendo informações, ora fazendo denúncia, ora criando expectativas a respeito de quem poderia ser o pasquineiro. Ou seja, como relata um de nossos informantes (Marquinhos, o dono da loja onde afixaram o pasquim), num período de quaresma, mais especificamente num bar lotado esperando a chegada do boi para ser solto no mangueirão, presenciou a força de um pasquim que havia sido espalhado pelo bairro na noite anterior, pois segundo ele, entre cervejas e risadas se dava a leitura daquele pasquim. Por outro lado, cabe destacar que os pasquins traziam a alegria para alguns, os não ofendidos, e a tristeza para outros, os difamados.

Um fato interessante é o momento atual da sociedade, isto é, a hiper segurança, conseqüentemente, somos vigiados por câmeras principalmente no comércio. Desse modo, as câmeras são um obstáculo para o pasquineiro visto que os locais onde afixaria os pasquins, em grande parte, são bares e mercados.

³⁰ Ver *Armações*, documentário de Dilson Branco e Rafael Carvalho.

Por fim, um dado que endossa a importância dos pasquins é o fato de um autor laureado com o *Nobel de literatura* usar os pasquins como mote do seu romance *A má hora (o veneno da madrugada)*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Profanações**. In: ____ O autor como gesto. Trad. Selvino José Assmann. SP: Boitempo, 2007.

ALEXANDRE, F. **Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina**. 6. ed. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.

ANTELO, R. **O autor como gesto: à memória de Ronaldo Assunção**. Alea, Rio de Janeiro, v.7, n.2, dez. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200011&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 17/06/2014

BAKHITIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. In: ____ A morte do autor. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CAMPOS, H. de. **Sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso de Gregório de Matos**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. In: ____ Direito à literatura. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul; São Paulo: Duas cidades, 2004.

CASCUDO, L. da, C. **Literatura oral no Brasil**. 3. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; SP: Edusp, 1984.

CAVALHEIRO, J. S. **A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault**. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3042/2585>. Acesso em 13/05/2014.

DUARTE, A. J. **Contos & Versos que a vida conta**. Florianópolis: San Marino, 2012.

DUTRA, M. A. **Assembleia das Aves**. Rio de Janeiro: Tipografia do Mercantil, 1847.

FERNANDES, R. D. **A forma satírica de representação: O pasquim anônimo e sua recepção na praça.** Disponível em

http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340762528_ARQUIVO_artigoanpuhPronto.pdf. Acesso em 22/11/2013.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Disponível em http://fido.rockymedia.net/anthro/foucault_autor.pdf. Acesso em 13/05/2014.

HANSEN, J. A. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII.** São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria do Estado de Cultura, 1989.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MANNRICH, M.E.B. **Pão-por-Deus: vivo na cultura brasileira.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007

MÁRQUEZ, G. G. **A MÁ HORA (o veneno da madrugada).** Trad. Joel Silveira. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1974.

NETO, J. A. **Entre a morte, funções e gestos: o autor e a filosofia.** Disponível em http://www.academia.edu/4343045/Entre_a_morte_funcoes_e_gestos_o_autor_e_a_filosofia. Acesso em 14/06/2014.

NODARI, A. **Ficha catalográfica.** Sopro panfleto político-cultural: n. 60, 2011. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/verbetes/ficha.html>. Acesso em 04/06/2014.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

8. APÊNDICES

1-Pasquim³¹

No tempo dos meus avós
Para fazer um vestido
Gastava quase oito metros
Para por de comprido.

Hoje em dia faz uma moça um vestido,
Faz até com dois e meio,
Porque a moda é moderna
Até acima da perna
E decotada no seio.

No tempo dos meus avós
Para uma moça dançar
Era com todo respeito
Que dava a mão ao seu par.
Hoje em dia pelo mesmo desembaraço
Elas pegam em qualquer lugar.

Moda que não me agrada
É a do vestido estreito
Quando a moça é alta e magra
Fica fina igual espeto.

A primeira moda que veio
Foi de o homem raspar o bigode
Fica com cara de moça
Ainda as boba se sacode.

Antes na barbearia
Quem entrasse a qualquer hora
Não se via uma moça,
Mas tudo mudou agora
E de mulher vive cheia

Aquela que é a mais feia
Sempre é a que mais namora
Elas cortam o cabelo, cortam tudo

³¹ Este pasquim, segundo Maria da Anunciação Pereira (de 89 anos, contato: (48) 9993-9988), saiu no Centro de Florianópolis e, como percebemos ao longo do poema, ele se refere às modas da época: da mulher, o corte de cabelo e o vestido; do homem, a retirada do bigode e o paletó aberto atrás ou nos lados.

Raspam também o sovaco
Quando é muito cabeludo.

Elas vão no cinema,
Vão no dentista,
Uma mulher desse jeito
Ninguém tira a vista.
O marido é coronel
Acha a esposa fiel,
Porque talvez não desista.
Encontra uma moça na rua
De modo tão delicado
Com seu seio quase nu,
Com seu cangote raspado.
Se cair e levar um susto,
Sem licença do marido
A gente vê tudo sem custo.

Bem que faz o nosso padre,
Não quer dar mais a comunhão
Para essas moças que quase nuas para igreja vão.
É uma falta de respeito
Para nossa religião.

A moda que não me agrada
É a do paletó rachado,
Mandei fazer um pra mim
Veio aberto do lado,
A primeira vez que vesti
Andei muito encabulado.

A moda que me agrada
É do cabelo pastinha
Quando elas vão no jardim
Escutar a sereninha³².

Tomara que o pai eterno
Grande dilúvio mandasse
Lavar a face da terra
E toda podridão levar
Mandar uma nova gente
Morar num mundo decente
Aquele que se salvar.

³² Serenata.

2- Pasquim³³

Meu amigo Pascoal
Uma coisa vou te avisar
Na porta da tua venda
Esse pasquim vou pregar.
Deixa todo mundo ler,
Não deixa ninguém rasgar³⁴.

A Dorvalina jurou
Na Praça da Enseada
Se não usasse gorro³⁵
Queria ter as pernas quebrada.

A Dorvalina jurou agora:
- Eu quero usar o gorro na festa
De Nossa Senhora.

O canto da Enseada
Já tá cheio de balaio,
O gorro da Dorvalina
É do coro do caralho.

O Manuel Policarpo³⁶
É moço trabalhador
Ele trabalha na roça
E também é pescador.

O Joca o nome dele é João,
Ele cuida das vacas
E atente no balcão.

Meu amigo Antônio Pereira
Cabeça de galo inglês
Toma conta da tua filha Bentinha
Que ela já está de seis mês.

³³ Este pasquim foi escrito na Enseada de Brito pelo Joca, irmão da informante Maria da Anunciação Pereira. O interessante é que para que não desconfiassem do autor, ele optou por citar seu nome e sua família no pasquim, no entanto, como não falou mal dele e de sua família o povo logo desconfiou e o Joca teve de ir para a delegacia. A sorte do Joca é que ele era ambidestro, ou seja, escreveu o pasquim com a mão direita e lá na delegacia escreveu com a mão esquerda, então não bateu a grafia e ele foi liberado, segundo conta a irmã.

³⁴ Estes versos ressaltam bem que esses escritos eram feitos em punho e, por isso, o autor implora para que os outros não rasgassem a folha, pois era apenas uma folha avulsa que ia adiante no boca a boca do povo.

³⁵ Gorro/toca era moda na época.

³⁶ Pai do Joaquim.

Maria do Policarpo
É moça de opinião
Alexandrinha foi brigar com ela
E puxou a enxada na mão.

A Maria do Policarpo
É moça desconfiada
Alexandrinha foi brigar com ela
E ficou sem enxada.

A Francilina é feia, coitadinha!
A Alexandrinha foi brigar com ela,
Ela correu pra cozinha.

A Francilina por ser feia
Ninguém ama.
A Alexandrinha foi brigar com ela,
Ela se escondeu embaixo da cama.

A Dona Eufrásia é uma boa costureira
Quando as mulheres precisam dela
Ela também é parteira.

3-Pasquim³⁷

Nosso amigo Olavo
Eu vou te avisar
Dentro do teu bote
Esse pasquim vou botar.
Dá pra todo mundo ler,
Não deixa ninguém rasgar.

As mocinhas da Passagem
Todas elas são vassoura
Elas andam de caminhão,
Até a professora.

A Dona Lica cansada já não anda
Não pode chegar no quarto
Teve os gêmeos na varanda.

Liberato por ser torto. Coitadinho!

³⁷ Pasquim feito no bairro Passagem do Maciambu, atualmente é conhecido como Praia do Sonho.

Ele saiu de carreira para ver o sobrinho
Ele caiu no portão
E bateu com a boca em cima do cagalhão.

Nosso amigo Mário,
Passinho de urubu
Toma conta da sua mãe,
Porque não tem mais cabelo no cu.

A Candinha do Marco
Cara de machambomba³⁸,
O marido ficou triste
Porque ela não tem mais
Cabelo na pomba.

4-Pasquim³⁹

A baleia tá na costa
E o Catalão já encostou.
Dorvalino do Camacho.
Vaca gorda carneou.

Vai chamar Zé Teodoro
Pra fazer a repartição,
Nós não temos machado
Vamos cortar a facão.(...)

5- Pasquim⁴⁰

O Romeu fez tanto
Documento frio
Que quando a polícia bateu
Ele agarrou o morro e sumiu.

³⁸ Ferro de passar antigo.

³⁹ Este pasquim, que consegui apenas duas estrofes, foi escrito um bairro de Laguna. Nessa época na praia do Santa Marta ainda não havia o farol, sendo assim, os ladrões colocavam um lampião dentro de um balaio e andavam em círculo, ou seja, ao redor desse objeto simulando um farol, ora obstruíam a luz, ora não. Consequentemente, alguns navios achavam que era sinal de farol e acabavam batendo nas pedras. Então os ladrões roubavam as cargas. No caso desse pasquim o navio Catalão trazia uma carga de gado.

⁴⁰ Este pasquim foi escrito no bairro Rio Vermelho por volta do ano 2000, aliás, eu tive contato com esse pasquim quando lá residia. De todos os bairros que pesquisei o pasquim, o Rio Vermelho é o bairro que mais manteve essa tradição. Um observação importante é que esse pasquim foi escrito no computador e, justamente por isso, foi distribuído em vários pontos do bairro, ao contrário dos pasquins antigos escritos à mão que só havia um exemplar.

O Santo quando era pequeno
Cansou de carregar balaio
Agora fez uma casa alta
Pra não bater com os galho.

O Juce quando era pequeno
Chupou muito limão
E agora quer comer
A filha do seu irmão.

Mas nem por isso
O Jalmor⁴¹ se humilha
Fica no porão
Ouvindo radinho de pilha.

O Dilto deve se lembrar
Dos dez mim que deve
Para o Jucemar.

Celinho boca de pitbull
Largou da Maria
E se juntou
Com duas vacas do sul.

O amor do Jucinho e do Daro
Começou num sofá
E acabou numa folha de taiá.

O Tica-tica tem uma venda
Com cerca de bambu
O papel que ele embrulha o pão
Não serve nem para limpar o cu.

Para quem não conhece esse versinho
É chamado de pasquinho
Vou lançar a próxima edição
Pra soltar na avenida geral
E também no travessão.

6- Pasquim⁴²

⁴¹ Irmão do Juce/Jucemar.

⁴² Pasquim retirado de um trabalho de história oral na comunidade do Pântano do Sul, catalogado por Arante José Monteiro Filho. Contato: 32377022.

“Meu povo escute um pouco
Que a vocês eu vou contá
Das pomberagem⁴³ quebrada
Que têm aqui neste lugá:
O dinheiro que eles deve
Dá pra botá uma loja.
O Avaristo jurou
De matar o Mané Borja
Pelo outro ano passado.
Pelo tempo do cação
Mané Quintino é velhaco
Tem o apelido de pavão.
João Tereso é ladino
É um dos melhó pombeiro
Compra a trinta e vende a vinte
E diz que ganha dinheiro.
O Joca também não é por pouco
Ainda não acubardô⁴⁴
Já não pesca com mal tempo
Que quase foi e nunca mais voltô.
Está só o Mané Borja
Que é pombeiro fraco
Ao povo ainda não pago
Ainda carrego com saco.
O saco ainda era novo
Não tinha sido servido
Ainda tá prá sabê
Aonde tá o saco perdido
O paletó do Chico Barbado
Foi feito de almofadinha
O povo chamava ele
A desgraça da galinha.
Quem quisé negociá
Não deve confessá medo
Pede prática ao João Honorato
E o Joca da Tio Pedro.
O Henrique que se proseia
Que sabe negociá
Mané da Duca é trunfão
Lhe quebra o patuá⁴⁵.
Zé Macota é bonito
Por isso que te botaro
Tu tens o relatório

⁴³ Referente aos pombeiros pessoas que compravam peixes e ovos.

⁴⁴ Acovardou.

⁴⁵ Balaio.

Para a vez do Santo Amaro”.

7- Pasquim⁴⁶

Fizeram um baile arretado
Nos fundos do Sertão,
A cachaça também foi
Dentro do garrafão.

Disseram para o negro Tita:
- Vai esconder a cachaça.
Ele escondeu o garrafão
Dentro de uma mata.
A meia-noite em ponto
Era tudo muito escurecido,
Ele não sabia mais
Onde tinha escondido.

Os marimbondos disseram
Aqui não tem garrafão
Negro de duas cabeças
Toma lá nosso ferrão.

O negro saiu correndo
E se enrolou no capim
Pra tirar os marimbondos
Da cachopa de cupim.

Chegou o dono da casa
Para ver a confusão
Jogou a cachaça fora
E levou o garrafão.

8-Pasquinho⁴⁷ da Floricultura⁴⁸

- No dia 14 de maio de 2013 um vexame aconteceu, o dono da floricultura lá não apareceu.

⁴⁶ Este pasquim foi escrito no sertão do Maruim. Segundo a informante Doralice R. de Souza Silva, 83 anos. Contato: (48) 3241-0860.

⁴⁷ No Rio Vermelho usa-se a variante pasquinho. Fenômeno de paragoge, ou seja, acréscimo de vogal no final de uma palavra.

⁴⁸ Pasquim escrito em 2013 a respeito da floricultura *Grim Paisagismo* do bairro Rio Vermelho que faliu devido aos seus donos estelionatários. Esse caso também foi noticiado na televisão, claro que a versão do pasquim tem o seu traço particular. Ver também a matéria do jornal em <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/05/dono-de-floriculturas-de-sc-e-suspeito-de-golpe-em-outros-estados.html>

- Os funcionários foram chegando e começavam a perceber alguns gritavam chorando, eu já estou dois meses sem receber.
- O Vagner da Zulma dizia: os três mil eu vou pegar, pois essa noite eu sonhei que a grama do jardim eu vou cortar.
- O César⁴⁹ do Néri disse: para tarde não vou deixar, pegou o caminhão e a bicharada⁵⁰ foi buscar.
- O César disse: minha firma eu vou mudar, mas quando chegou lá não pode acreditar que era só gente a carregar.
- O Max⁵¹ gritava seu burro tu vai te incomodar e de repente ele se arrependeu e uma zebrinha foi buscar, e muita força fez para carregar.
- O Cacau do Aurino é feio, mas é bom moço, com a moto carregada dizia: aproveita que tá grosso.
- O Peri e o Jair não quiseram liberar, mas depois uma planta foram buscar, pois sabiam que os 20 mil do aluguel jamais iam encontrar.
- O anãozinho do Maro se perdeu na multidão, só acharam ele debaixo de um vaso virado com a boca no chão.
- A Meris do Zeca deixou o pé debaixo da roda do carro, de dor não pode aguentar, mas a orelha da girafa não pode arrancar.
- O Jucinho sorria muito e não pode acreditar que o César do Néri aquele bicho fosse levar.
- O Betouven não sei por que a tela foi pegar, só se for prender a mulher para os outros não beijar.
- O Serginho do Zezinho do mercado deu uma escapada, pois estava de olho nas orquídeas na calçada.
- O Boca chora muito e dizia: a viagem para Brasília vou cancelar, pois to com pena da Deputada Luci com 20 mil deixou escapar.
- O Hermínio correu de agasalho, pois queria o vidro para fazer um aquário.
- O Cinho da Vera chegou atrasado mais alguma coisa pode pegar, pois não sabia ele que a polícia ia chegar, na delegacia para o delegado foi explicar.

⁴⁹ Dono de uma loja de material de construção que tinha vendido fiado para o dono da floricultura.

⁵⁰ Estátuas de animais.

⁵¹ Irmão do César.

- Ofereceram a girafa para o Áureo e ele disse: esse merda não vou querer pois já chega de ver meu gado emagrecer.
- As floriculturas do travessão nunca tiveram tanto estoque, tudo por causa do calote.
- A Mabel do Néri disse: acho que não tem mias nada para pegar, mas até a madeira foi arrancar.
- O Jucinho só dava risada, esse é o lugar onde amarro a minha vaca malhada.
- Vou terminando os meus versos por que tenho que plantar uma muda que do Marinho vou comprar.

9- Pasquim⁵²

Senhora Teodora

Tem a mamica grande

Botou na bandeja de presente

Pro Fernandes.

Senhora dona Delminda

Por ser a mais embuchada

No dia da eleição

Fez que não tinha nada.

⁵² Trecho de um pasquim feito no bairro Barra do Sambaqui, segundo as rendeiras.